

JENSEN, JOHN THAYER (1994). MORFOLOGY: WORD-FORMATION IN GENERATIVE GRAMMAR. AMSTERDAM/PHILADELPHIA: JONH BENJAMINS PUBLISHING CO., SERIES IV 'CURRENT ISSUES IN LINGUISTIC THEORY'

Resenha por Carlos Alexandre V. Gonçalves

Key words: Morphology-Formation: Generative Approach

Palavras-chave: Morfologia, Formação de Palavras; Abordagem Gerativa

Morfology: Word-Formation in Generative Grammar é o título do livro de John Jensen, professor da Universidade de Ottawa (Canadá), publicado em 1994 pela John Benjamins Publishing Company. Com prefácio assinado pelo próprio autor, a obra - centrada nos pressupostos da Teoria Gerativa e sustentada por farta exemplificação de várias línguas - descreve a organização do componente morfológico, em sua relação direta para com Sintaxe e a Fonologia, dando especial relevo à estrutura das palavras e aos mecanismos responsáveis por suas variações flexionais.

O livro pode ser tomado como importante introdução aos estudos em Morfologia, pois, com uma linguagem clara e acessível, apresenta e discute aspectos fundamentais desse campo do saber, aplicando-os à análise de línguas de famílias diversas. Sem dúvida alguma, pode servir de guia nos cursos de Pós-graduação em Letras e Lingüística, já que, ao final de cada capítulo, (1) apresenta sugestões de leituras relacionadas com o tema abordado, (2) elabora uma lista de termos técnicos para definição e (3) propõe exercícios variados.

Os nove capítulos que compõem **Morfology** apresentam estrutura organizacional coesa e mantêm relação de continuidade entre si, muito embora possam constituir unidades autônomas, já que a hierarquização pode ser concebida a partir dos interesses dos próprios leitores.

No capítulo 1, o autor observa que a meta dos estudos morfológicos "é fornecer uma teoria a partir da qual a estrutura vocabular de todas as línguas possa ser descrita" (p.1). Dessa maneira, apresenta e define noções como (a) morfema e alofonia, (b) flexão e derivação e (c) traços morfológicos, elementares em qualquer investigação na área - seja qual for a perspectiva teórica adotada.

Ao traçar um breve panorama histórico da Morfologia no âmbito da lingüística, Jensen discute o tratamento dado a questões morfológicas no Estruturalismo e no Gerativismo, mostrando os pontos de divergência entre esses dois modelos de análise. Defendendo a posição de que a morfologia deve ser vista como componente autônomo da Gramática, independente da Sintaxe ou da Fonologia (p.13), o autor justifica a orientação gerativista assumida no livro, mas não descarta a possibilidade de enriquecer sua análise com o uso de técnicas estruturalistas para identificação de morfemas. Essa medida, segundo Jensen, torna-se necessária sobretudo no estudo de línguas desconhecidas, para as quais tais procedimentos podem fornecer valiosos indícios sobre o comportamento de uma categoria de dados morfológicos.

Enfocando especificamente os morfemas, o capítulo 2 reflete sobre vários procedimentos usados para isolar esses elementos recorrentes na forma e no conteúdo (p.20). Para tanto, escudado no trabalho de Nida (1949), Jensen propõe princípios básicos para a identificação de morfemas, apresentando, pois, as condições e as falhas do modelo item-e-arranjo.

Ao mostrar que “uma palavra não é necessariamente uma simples concatenação de morfemas” (p.35), Jensen observa que pares de morfemas podem estar mais fortemente conectados que outros vocábulos estruturalmente complexos. Dessa forma, apropria-se do formalismo usado em Sintaxe (representação arbórea) para expressar a aderência entre os constituintes de uma palavra. A utilização do diagrama-árvore, segundo o autor, tem ainda a vantagem de revelar hierarquização entre os formativos, respeitando tanto a constituição imediata entre eles quanto a subcategorização da palavra, nos vários ciclos da derivação. Um item como ‘derivacional’, representado em (01), teria a seguinte diagramação arbórea em (2):

(01) (((deriv)v acion)s al)Adj

(02)

Em (02), observa-se que o sufixo -al é menos aderente ao núcleo derivacional -ção. De fato, -al - que forma adjetivos a partir de substantivos - só se anexa após a colocação do sufixo responsável pela nominalização do verbo ‘derivar’ (-ção). Por isso, segundo Jensen, os constituintes imediatos atuam conforme o significado da palavra e de acordo com suas especificações sintáticas.

Estabelecer um inventário de traços morfológicos pertinentes é o objetivo central do capítulo 3. Para tanto, Jensen distingue dois tipos de significados lexicais: (a) o sentido do morfema propriamente dito e (b) o sentido gramatical. Dando ênfase ao último, o autor propõe que significados gramaticais, como tempo e número, sejam representados por meio de traços morfológicos. Com isso problematiza a classificação dos morfemas apresentada no capítulo anterior, dando

início a um debate acerca das diferenças entre flexão e derivação.

Abordadas a partir de uma perspectiva componencial, as categorias gramaticais são alvo de reflexão no capítulo 3. Ao apresentar os traços de gênero, número, pessoa, aspecto, modo, tempo e caso, o autor rediscute as noções estruturalistas de amálgama (morfema *portmanteau*) e neutralização, assegurando que a flexão - nas várias línguas conhecidas e já estudadas - deve estar restrita a essas categorias que, nas palavras de Anderson (1992:587), “são as únicas relevantes para a Sintaxe”

O capítulo 4 tem o objetivo de descrever a atuação dos processos morfológicos, definidos na página 63, “como aqueles que alteram a forma de um morfema, geralmente uma raiz, imprimindo-lhe um novo significado”. Essas mudanças formais devem ser analisadas como processos, uma vez que a palavra não pode ser dividida em dois (ou mais) elementos constitutivos, como nos casos típicos de afixação.

Ao mostrar que processos morfológicos devem ser descritos com base em transformações, Jensen traz, para a Teoria Morfológica, um tipo de regra comum nos estudos sintáticos e de fonológicos formais . Nesse segundo sentido, uma regra transformacional em Morfologia, nas palavras do autor, “especifica uma seqüência de morfemes, que constitui sua descrição estrutural, e a alteração a que aquela mesma seqüência está sujeita - sua mudança estrutural” (p.64)

Com base na orientação teórica assumida no livro, o capítulo 4 focaliza fenômenos morfológicos como a infixação, a reduplicação e as regras tonais. Vistos a partir de uma perspectiva transformacional, esses processos são formalizados de acordo com as convenções adotadas na Fonologia Gerativa Clássica (cf. Chomsky & Halle, 1968) ou na fonologia Não-Linear (cf. Goldsmith, 1976).

O capítulo 4 tem, portanto, o mérito (1) de analisar os processos morfológicos à luz de teorias recentes (cf. Fonologia Autossegmental) e (2) de unificar o formalismo usado no modelo gerativo. Além disso, por situar sua análise frente às estruturalistas, Jensen fornece ao leitor um itinerário histórico sobre o tratamento de questões morfológicas no âmbito da Lingüística.

Ao analisar a relação entre operações morfológicas e regras fonológicas, o capítulo 5 tem os seguintes objetivos: (a) apresentar o modelo da Fonologia Lexical - uma subteoria não-linear que prevê um léxico altamente estruturado, lugar de uma série de interações entre Morfologia e Fonologia; (b) checar o tipo de informação morfológica para o qual as regras fonológicas são sensíveis; e (c) assumir a perspectiva teórica através da qual o fenômeno da alomorfa será estudado, no capítulo 9.

Ao mapear e descrever as diferenças entre regras lexicais e pós-lexicais, o capítulo situa a Morfologia num modelo geral de Gramática . Além disso, apresenta

casos em que o componente morfológico atua na interface com a Sintaxe e com a Fonologia, discutindo a questão do acesso (direto ou indireto) entre esses níveis de análise lingüística.

No capítulo seguinte, focalizando o fenômeno da composição com base em Marchand (1996), Jensen propõe dois tipos básicos de compostos: (a) sintéticos, formados a partir de um afixo verbal (cf. 'breath taking') e (b) primários, grupo no qual são incluídos todos os demais. Outra distinção proposta, desta feita levando em conta um fator de natureza semântica, separa os compostos endocêntricos dos exocêntricos. Os primeiros têm sentido literal no núcleo, sendo apenas o adjunto interpretado figurativamente (cf. 'tubarão-martelo'). Os últimos, ao contrário, são interpretados metafórica ou metonimicamente no todo (cf. viúva-negra)

O capítulo 7, intitulado "Flexão e Paradigmas" revê o binômio flexão/ derivação à luz de um artigo de Stephen Anderson ("Where's Morphology?"), publicado no número 13 do periódico *Linguistic Inquiry* (1982). Nesse sentido, define Morfologia Flexional como parte do componente morfológico "relevante para a Sintaxe!" (p. 115) e, por isso, inclui, na análise das categorias gramaticais abordadas no capítulo 3, fatores como concordância e regência.

Observando o comportamento dos paradigmas - definidos como "conjuntos de todas que se referem flexionalmente a um lexema simples" (p. 116), Jensen revisita as noções estruturalistas de supletivismo, defectividade e neutralização. Investigados a partir da produtividade e da coerência semântica dos paradigmas (cf. Aronoff, 1976) esses concitos atuam, segundo o autor, como principais pontos de diferença entre a Morfologia Flexional e a Derivacional. Uma análise mais aprofundada sobre paradigmas é dada no capítulo seguinte, no qual Jensen descreve com detalhes o sistema flexional do verbo latino à luz da Fonologia Lexical.

O ultimo capítulo do livro é dedicado à Morfofonêmica, termo reservado aos processos que afetam a constituição fonológica de morfemas ou de seqüências de morfemas. Diferentes dos processos morfológicos - que modificam substancialmente o significado das formas - , as regras morfofonêmicas envolvem alterações puramente fonéticas. Descrever a atuação dessas regras é meta fundamental do capítulo 9

Fenômenos de assimilação e dissimilação de traços de inserção ou de deleção de segmentos, harmonia vocálica, haplogia, metátese e truncamento são analisados sob o viés da distinção entre regras lexicais e pós-lexicais. Nesse sentido, Jensen tem o cuidado de observar que determinadas regras morfofonêmicas atuam no léxico, inspecionando a estrutura interna da palavra por acessar informações morfológicas pertinente (flexionais, derivacionais ou composicionais). Outras ao contrário, têm lugar somente na Sintaxe, por aplicar-se a palavras já prontas, não observando, portanto, a constituição morfológicas das mesmas.

Pela clareza na exposição do conteúdo, pelo tratamento integrado da Morfologia, pela incorporação de teorias recentes à análise, pela revisão bibliográfica constante e pela seleção de exercícios pertinentes, **Morfology**, passa a ser livro de leitura obrigatória a todos aqueles - iniciantes ou iniciados - que se dedicam ao estudo do componente morfológico das línguas.

Discutindo pontos fundamentais no estudo da Morfologia, o livro tem ainda o mérito de colocar à disposição do leitor diferentes posições sobre os vários abordados, o que permite que iniciados e iniciantes na área tenham uma visão ao mesmo tempo abrangente e problematizadora das estruturas morfológicas das línguas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Stenhen (1982). Where's morphology? *Linguistic Inquiry*, 13 (1):571-612
— (1992). **A- morphous morphology**. Cambridge: Cambridge University Press.
- ARONOFF, Mark (1976). **Word formation in generative grammar** Cambridge/Massachussets: The MIT Press, Linguistic Inquiry Monography 1.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris (1968). **The sound pattern of english** . New York: :Harper & Row
- GOLDSMITH, Jonh (1976). **Autossegmental phonology**. Doctoral Dissertation. Cambridge/Massachussets: The MIT Press.
- MARCHAND, Hans (1969). **The categories and types of present-day english word-formation**. 2nd ed., München: C.H. Beck.
- NIDA, Eugene (1949). **Morphology: the descriptive analysis of words**.Michigan: Ann Arbor.